

**OS OLHOS SÃO ESPELHOS DA ALMA - ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DAS  
DESIGNAÇÕES PARA *PÁLPEBRA* E *ESTRABISMO* NO TOCANTINS -  
RESULTADOS DO ALITTETO**

THE EYES ARE THE MIRROR OF THE SOUL - LEXICAL-SEMANTIC STUDY OF THE  
DESIGNATIONS FOR *EYELID* AND *STRABISMUS* IN TOCANTINS - RESULTS FROM  
THE ALITTETO

Ana Laura de Miranda e Silva<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Greize Alves da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Os olhos, como parte integrante dos cinco sentidos humanos, desempenham um papel essencial na percepção visual do mundo ao nosso redor; eles representam tanto a capacidade visual como também podem abarcar percepções que transcendem os limites físicos. Diante dessa importância sociocultural, o presente estudo analisou as variantes lexicais coletadas pelo *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018), referentes a dois questionamentos que envolvem o campo 'olhos', coletadas junto a 96 informantes, estratificados por sexo, idade e tipo de mobilidade. Os questionamentos são: 069 – *Como se chama esta parte que cobre o olho?* e 071 – *Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?* A partir deles, comparamos as variantes fornecidas como respostas pelos informantes pelos critérios diatópicos e sociais, e dispomos os resultados em cartas dialetais elaboradas pelos critérios da Geolinguística. Os resultados apontam para o polimorfismo lexical e neologismos semânticos, provenientes da combinação de elementos linguísticos e da atribuição de novos significados a palavras já existentes.

**Palavras-chave:** Campo Semântico do Corpo Humano; ALITTETO; Polimorfismo lexical.

**Abstract:** The eyes, as an integral part of the five human senses, play an essential role in the visual perception of the world around us; they represent both visual capacity and can encompass perceptions that transcend physical boundaries. Given this socio-cultural importance, the present study analyzed the lexical variants collected by the *Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas of the State of Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018), concerning two inquiries involving the field of 'eyes', collected from 96 informants, stratified by gender, age, and type of mobility. The inquiries are: 069 - What is this part

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atualmente, é professora do Ensino Fundamental anos iniciais na cidade de Porto Nacional, TO. Email: laura.miranda@mail.uft.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Atua como pesquisadora do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Atualmente é professora adjunta I da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Porto Nacional. Email: greize\_silva@yahoo.com.br.

covering the eye called? and 071 - What is the person called who has their eyes turned in different directions? From these, we compared the variants provided as responses by informants based on diatopic and social criteria, and presented the results in dialectal maps elaborated by Geolinguistics criteria. The results point to lexical polymorphism and semantic neologisms, stemming from the combination of linguistic elements and the attribution of new meanings to existing words.

**Keywords:** Semantic Field of the Human Body; ALiTTETO; Lexical Polymorphism.

## Introdução

A história social e cultural do Brasil evidencia as complexidades sociodialetais presentes na língua, resultantes do processo de colonização do país, onde elementos de origem portuguesa, africana, indígena e de diversas outras etnias contribuíram para a rica tapeçaria cultural e, por conseguinte, linguística, da nação brasileira. Cardoso (2010, p. 15) reafirma a dinamicidade da língua quando pontua que “[...] o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra”, reafirmando a dinamicidade da língua.

No entendimento proposto pela mencionada autora, cada localidade revela em sua linguagem as particularidades históricas que a definem. Neste sentido, o estado do Tocantins, *locus* de nossa pesquisa, tem no seu modo de falar, em especial no léxico, parte de sua história, a construção de sua identidade e também das individualidades de seu constituído espaço, sobretudo pelo fato desse território ter abrigado muitos migrantes das variadas regiões do Brasil.

Dentre todos os níveis da língua, é no léxico que mais se evidencia os elementos sociais, históricos e geográficos de uma comunidade linguística (NUNES; ISQUERDO; MARQUES, 2018, p.53). Diante disso, nessa intenção, usamos o aparato teórico-metodológico da Dialetoлогия e da Geolinguística, uma vez que a primeira é compreendida como “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

Este trabalho teve como objetivo geral: analisar as variantes lexicais coletadas para dois questionamentos envolvendo os órgãos sensoriais que compõem o sistema visual dos seres vivos, responsáveis pela percepção visual: os ‘olhos’: 069 – *Como se chama essa parte que cobre o olho?* e 71. *Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*, do campo semântico do *corpo humano*, coletadas pelo *Atlas Linguístico*

*Topoestático e Topodinâmico do Tocantins* (ALITTETO), em 12 localidades, somando 96 informantes.

## **2. Dialetoлогия: a ciência que estuda os dialetos**

As línguas estão sempre em processo de transformação, tornando desnecessário questionar por que elas mudam, pois, a mudança é uma característica intrínseca e inevitável (MONTEIRO, 1989, p.183). Desse modo, a Dialetoлогия, como ciência que analisa as variações no tempo e no espaço, nos permite observar os detalhes dessas mudanças e como elas se processam na comunidade de fala, seja por meio da fonética, do léxico ou da sintaxe, por exemplo. Na contemporaneidade, a Dialetoлогия investiga as transformações linguísticas, as variações e tudo aquilo que se relaciona à varietalidade, em primeiro plano, no aspecto diatópico, e em segundo plano, pelo recorte social: diageracional, diassexual ou diastrática.

### **2.1 O princípio da Dialetoлогия como ciência**

A Linguística, instituída como ciência, ganhou seus contornos mais modernos a partir das contribuições de Ferdinand de Saussure. Assim, diferentes perspectivas de se observar e analisar a língua são procedentes dessa visão mais acurada outrora fornecida pelo pesquisador. Segundo Romano (2014):

Os estudos linguísticos adquiriram caráter científico a partir da cisão que Saussure estabeleceu entre língua e fala, em seu Curso de Linguística Geral (1916), assumindo, como objeto de estudo da Linguística, a língua. Concebeu-se, assim, um estudo científico da linguagem que teria como tarefa principal estudar, sob um olhar imanente, esse sistema de signos distintivos, passível de ser analisado devido ao seu caráter homogêneo (ROMANO, 2014, p. 137).

Os estudos linguísticos são de suma importância, visto que a língua está em constante mudança e acompanha as transformações da sociedade. Apesar de a Linguística ter sido entendida como ciência da partir do mestre genebrino, as inquietações em torno das línguas e sua consequente variação foram prerrogativa de estudiosos que viveram muito antes, como elenca Cardoso (2010):

Os textos bíblicos, para usar de uma exemplificação assaz distanciada no tempo e inteiramente desprovida de preocupações linguístico-científicas, trazem passagens que

apontam para a diversidade das línguas e de seus usos, inerentes ao próprio processo de intercomunicação e, dessa forma, presentes desde o momento em que se estruturam os grupos sociais (CARDOSO, 2010, p. 27).

Da necessidade de estudo sistemático das línguas e suas variações, especificamente a Dialectologia tem por tarefa investigar a variação linguística de uma comunidade ou zona geográfica, além de identificar diferenças dialetais de falantes em uma mesma ou diferentes modalidades de língua. Em suma, tem por objetivo, “[...] estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas” (CARDOSO, 2010, p. 45), o que faz dessa ciência de extrema importância.

Os primeiros estudos dialetais com metodologias delineadas datam a partir da metade do século XIX. Chambers e Trudgill (1994) mencionam o trabalho de Wenker (1876) e de Gilliéron como basilares para a formação do que viria a se tornar a Geolinguística, nascida naquele primeiro momento como um método auxiliar da Dialectologia, cujo resultado são os atlas linguísticos. No que se refere à Wenker (1876), este pesquisador empreendeu inquéritos por correspondência no território alemão; dos 50.000 questionários enviados, foram recebidos expressivas 45.000 devolutivas e os dados foram transpostos para a superfície de mapas, dando origem ao primeiro atlas linguístico nacional (SILVA; ROMANO, 2024).

Anos mais tarde, no século XX, o linguista suíço-francês Jules Gilliéron, conhecido também como o pai da Dialectologia, desenvolveu junto a Edmond Edmond *Atlas Linguistique de la France* (1909) – ALF, utilizando metodologia direta, com pesquisa *in loco*. Além deste atlas nacional, Gilliéron e Edmond elaboraram também o *Atlas Linguistique de La Corse* entre 1914-1915, considerado por muitos o mais rico devido a sua pequena extensão territorial e a experiência adquirida no trabalho anterior com o ALF.

Gilliéron acreditava que seria possível obter representações mais precisas e consistentes das falas dos informantes da época se um pesquisador de campo, que não fosse linguista, com bom treinamento fonético, entrevistasse os informantes e transcrevesse foneticamente suas respostas. Para isso, ele envia Edmond Edmond pelas cidades francesas para realizar a tarefa de recolha dos dados *in loco*. Após quatro anos, Edmond completou o questionário de 200 itens, com 700 informantes e os volumes do Atlas foram publicados entre 1902 e 1912.

## 2.2 A Dialetoлогия e os falares brasileiro

A Dialetoлогия no Brasil se fez presente a partir de meados do século XX, principalmente com trabalhos que buscavam diferenciações entre o português do Brasil e o português de Portugal. Tem-se como marco inicial, 1826, a solicitação de Adrien Balbi à Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, para que participasse do *Atlas Ethnographique du Glob*.

Ferreira e Cardoso (1984, p. 37-62) dividem o progresso da Dialetoлогия no Brasil em três fases. A primeira com duração de 100 anos, marca o período de 1826 a 1920, data da publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. As obras lançadas durante essa etapa são caracterizadas como léxicos, vocabulários e glossários. A segunda fase se inicia em 1922 e se estende até o ano de 1952. Nesta a Geolinguística dá os primeiros passos para o seu desenvolvimento no Brasil e as pesquisas passam a se caracterizar não apenas pelo ponto de vista semântico-lexical, mas também morfossintático e fonético-fonológico. Já a terceira etapa, segundo Cardoso (1999, p. 239):

Tem como marco um ato do governo brasileiro, o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do atlas lingüístico do Brasil. Essa prioridade é retomada pela Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do Decreto, põe ênfase na elaboração do atlas lingüístico do Brasil.

A partir do Decreto de 1952, é iniciado um novo período de estudos que abordavam o fenômeno da variação lingüística no Brasil. A partir de então figuras como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi e Antenor Nascentes traçaram caminhos para a construção do *Atlas Lingüístico do Brasil*, que buscava abranger todo o país. Para Cardoso (1999), a terceira fase da história dos estudos dialetais tem como marca identificadora o início dos estudos sistemáticos no campo da Geografia lingüística, na proposição dos atlas lingüísticos

Apesar dos esforços de outrora, o atlas nacional só pode ser iniciado em 1996, por empreendimento de vários pesquisadores de diferentes universidades brasileiras. Após, muitos anos de trabalho, em 2014, o *Atlas Lingüístico do Brasil*<sup>3</sup> publicou seus dois primeiros volumes:

---

<sup>3</sup> Foram escolhidas 250 localidades no total, incluindo Oiapoque como ponto 001 e Chuí como ponto 250. No total, 1100 informantes participaram do estudo, divididos em duas faixas etárias: 18 a 30 anos (primeira faixa) e 50 a 65 anos (segunda faixa). Informações em: [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br)

o primeiro apresenta questões pertinentes à história do Atlas, sua metodologia etc.; e o segundo apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais com a intenção de apresentar descrições do português brasileiro com base de dados coletados *in loco*.

### 2.3 Estudos dialetológicos em solo tocantinense

O Tocantins, até a década de 80, era denominado porção norte do estado de Goiás. As dificuldades com deslocamentos faziam com que essa região se identificasse mais com estados circunvizinhos ao norte: Pará e Maranhão, principalmente, em decorrência da possibilidade de navegação dos rios Araguaia e Tocantins, ainda no ciclo do Brasil-Colônia. Séculos mais tarde, em, 1988, o Tocantins passou a ser um estado independente e, após passar por longos processos exploratórios ainda como norte de Goiás, busca construir sua própria identidade.

De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021), o estado do Tocantins possui uma população de 1.607.363 pessoas divididas em 139 municípios; faz fronteira com os estados do Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás e Mato Grosso. A formação dessa população contribuiu para o delineamento de nuances de uma identidade plurivarietal, seja devido às variações dos falantes locais ou às formas linguísticas trazidas de outras regiões do país.

Nesse sentido, pesquisas têm sido desenvolvidas sobre o falar do Tocantins, principalmente, a partir de 2018, ano de defesa da tese: *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins*, o ALiTTETO, de autoria de Greize Alves da Silva, cujo objetivo foi: traçar o perfil dialetológico do falar da população tocantinense por meio da confecção de um atlas linguístico estadual. Esse trabalho forma a base desta pesquisa, a partir de seus dados coletados, e que tem grande importância para o estado, visto que, a partir deste estudo, muitos outros surgiram, usando seus dados e criando pesquisas. O ALiTTETO abordou diferentes aspectos dialetológicos presentes no estado, a partir de uma rede de pontos composta por 12 localidades, totalizando 96 informantes, distribuídos pelas variáveis: diageracional, diassexual e diatópica-cinética.

## 2.4 A visão mística e sensorial dos olhos como a ‘janela da alma’.

Os olhos fazem parte de um dos cinco sentidos do corpo humano, sendo este responsável pela visão e por tudo que enxergamos a nossa volta. Eles são envolvidos por três membranas importantes, sendo elas: a *esclera*, mais conhecida como o ‘branco do olho’, a *coroide* onde se encontram a íris e a *pupila* por onde a luz penetra no globo ocular; tem-se também a *retina*, uma camada mais interna dos olhos, responsável pela captação de imagens.

A metáfora dos olhos como a ‘janela da alma’ é empregada em várias culturas e há muito tempo no vocabulário popular. Essa expressão é utilizada para descrever a capacidade dos olhos de transmitir emoções, intenções e, até mesmo, percepções espirituais, ou seja, os olhos funcionariam como portais para a essência interior de um indivíduo e sua conexão com o universo. A visão pode ser considerada como sentido supremo por vários motivos, sobretudo pela abundância de informações captadas, a precisão e detalhes, navegação e orientação, experiência estética e comunicação não verbal.

Muitas vezes ouvimos as expressões populares “O que os olhos não veem o coração não sente” ou “Olho por olho e dente por dente” e, até mesmo, “o amor é cego”, e todas elas remetem ao sentido de enxergar muito além do que os nossos olhos podem ver enquanto sentido de visão.

A Grécia antiga trouxe inúmeras bases para estudos e análises da ótica<sup>4</sup>; para eles, a visão sempre teve um sentido mais profundo. Platão, por exemplo, nos deixou a “alegoria da caverna”, em que descreve, dentre muitos outros aspectos, que a percepção visual nos permite alcançar um entendimento mais elevado da realidade. Temos também em Sófocles e na narrativa teatral de “Édipo Rei”, cujo personagem cega a si mesmo em auto repressão e castigo pelo casamento incestuoso com a sua mãe. Entre esses há muitos outros mitos e alegorias gregas que envolvem a visão, a superstição e crença por traz desse sentido.

Em âmbito mitológico, há vários deuses com poderes ou dons relacionados à visão ou aos olhos. Hades é um exemplo, uma vez que podia enxergar as profundezas do submundo;

---

<sup>4</sup> Um fenômeno óptico podia ser entendido segundo três tradições de pesquisa: uma filosófica ou física, na qual se consideravam principalmente as questões epistemológicas; uma médica, voltada para o estudo anatômico e fisiológico do olho; e uma tradição matemática, preocupada com a explicação geométrica da percepção espacial (TOSSATO, 2005, p. 417).

Tirésias que era um vidente cego; Medusa que detinha o tinha o poder de transformar qualquer um que olhasse diretamente em seus olhos em pedra; e Argos Panoptes, o monstro de cem olhos, fiel e perfeito guardião dos deuses.

Grimal descreve Argos como: “Segundo uns, possuía um só olho, segundo outros teria quatro: um par para ver de frente e o outro para olhar para trás. Outras versões atribuíam-lhe, finalmente, uma infinidade de olhos repartidos por todo o corpo.” (GRIMAL, 2009, p. 41). De acordo com o mito, ele foi morto e para que ele fosse eternizado, Hera colocou seus olhos na calda de um pavão

No contexto teológico e filosófico, constantemente a ‘luz’ e o ‘enxergar a luz’ aparecem como metáforas ligadas ao conhecimento, iluminação divina, vitalidade. Na Bíblia, podemos observar passagens que utilizam o termo luz relacionadas a visão espiritual, como sentido de remissão, expiação dos pecados e salvação. Alguns exemplos: “Falando novamente ao povo, Jesus disse: 'Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarás em trevas, mas terá a luz da vida.'” (BÍBLIA, João, 8, 12). “Pois outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz.” (BÍBLIA, Efésios, 5,8).

No evangelista Mateus, temos a famosa passagem: “Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz. Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são!” (BÍBLIA, Mateus, 22,23), cuja interpretação enfatiza que nossas perspectivas internas moldam nossas vidas. Se nossa visão interior é positiva e clara, nossa vida será cheia de luz e bondade. Mas se nossa visão é obscura e egoísta, nossa vida será cheia de escuridão. É um apelo à autenticidade e à busca pela verdadeira luz espiritual.

Ainda no contexto bíblico, em várias passagens Jesus cura cegos, restaurando a visão de cada um deles, remetendo a um duplo aspecto: i) o poder divino de Jesus e muitas vezes esses milagres foram vistos como o cumprimento de profecias.; ii) além da cura da cegueira física, existe uma cura para a visão espiritual. Em Mateus (9: 27-31), Jesus cura dois cegos em Cafarnaum; no livro de Lucas (18: 35-43), Jesus cura outro cego perto de Jericó.

Nessas passagens, Jesus demonstra seu poder de cura física e espiritual ao conceder visão aos cegos, permitindo-lhes enxergar o mundo. No entanto, não apenas os cegos testemunharam o poder de Jesus; aqueles que estavam presentes também foram impactados



pelo que presenciaram. Dessa forma, a ampliação da visão foi para todos, e até os dias atuais, muitas religiões incorporam essas metáforas em seus ensinamentos.

Em suma, na mitologia, na ciência, na filosofia ou na religião, os olhos continuam a desempenhar um papel crucial no desenvolvimento tanto do mundo interior quanto do exterior na vida cotidiana. Em todas essas esferas, a visão emerge como um símbolo de compreensão, percepção, crescimento e conhecimento, desempenhando um papel fundamental na busca pela verdade e significado na condição humana.

### **3 Metodologia**

Esta pesquisa foi desenvolvida com base nos dados coletados pelo *Atlas linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins – ALiTTETO*, defendido no ano de 2018, em formato de tese de Doutorado, por Greize Alves da Silva, associada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. sendo assim, o perfil dos informantes e a rede de pontos foram idealizados outrora por Silva (2018), em acordo com os objetivos de sua tese. A coleta de dados ocorreu no ano de 2015.

No trabalho de Silva (2018) foram estabelecidos dois critérios para a escolha de rede de pontos, o “Histórico-social”, abarcando localidades relevantes para o contexto de criação e formação do Estado, e o critério “Político-Geográfico”, com as localidades que são destaques no setor econômico, além de abrigarem contingente populacional considerável, constituindo grandes centros urbanos no Tocantins. Assim, em ambos os critérios, foram elencadas 12 localidades: 01 Araguatins; 02 Tocantinópolis; 03 Araguaína; 04 Araguacema; 05 Palmas; 06 Pedro Afonso; 07 Porto Nacional; 08 Gurupi; 09 Mateiros; 10 Formoso do Araguaia; 11 Natividade e 12 Paranã.

O perfil dos informantes apresenta características diageracional, com duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65, ambos os sexos (masculino/feminino) e tipo de mobilidade espacial, este último sendo entrevistado os chamados informantes topoestáticos, que são nascidos na localidade de pesquisa, tocaninenses, e os informantes topodinâmicos, informantes que moram na cidade pesquisada há mais de 10 anos, mas que são procedentes de outras localidades ou estados. Para cada ponto de entrevista, foram selecionados 8 entrevistados, somando 96 informantes.

**Quadro 1** - Perfil dos informantes do ALiTTETO

N.º	Sexo	Idade	Mobilidade
1	Homem	de 18 a 30	Topoestático
2	Mulher	de 18 a 30	Topoestático
3	Homem	de 50 a 65	Topoestático
4	Mulher	de 50 a 65	Topoestático
5	Homem	de 18 a 30	Topodinâmico
6	Mulher	de 18 a 30	Topodinâmico
7	Homem	de 50 a 65	Topodinâmico
8	Mulher	de 50 a 65	Topodinâmico

Fonte: Base de dados do ALiTTETO (SILVA, 2018).

Nas entrevistas de campo foi aplicado um questionário linguístico semiestruturado, contendo 340 perguntas relacionadas a fatos semântico-lexicais, morfossintáticos, fonético-fonológicos e de crenças e atitudes linguísticas. Especificamente, no recorte semântico-lexical, as perguntas são subdivididas por campo semântico e nosso trabalho está centrado mais especificamente no campo do Corpo Humano, nos dois questionamentos a seguir: *069 – Como se chama esta parte que cobre o olho? e 71 – Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*. A partir delas, comparamos as variantes fornecidas como respostas pelos informantes pelos critérios diatópicos e sociais. Para melhor visualização das respostas, foram geradas cartas dialetais pelos critérios da Geolinguística.

#### 4. Os olhos e a variação léxico-semântica

Com base na metodologia descrita no tópico anterior, foram realizadas as duas análises semântico-lexicais, a partir dos dois questionamentos aplicados pelo ALiTTETO. A primeira delas subjaz uma das partes físicas que compõe o olho; já o segundo questionamento, refere-se a um tipo condição oftalmológica caracterizada pelo desalinhamento dos olhos. Em cada uma

das análises, os dados são expostos por meio de quadros e os cartogramas dialetais, na perspectiva de se verificar a distribuição das formas auferidas no Tocantins

#### 4.1. QSL 069. *Como se chama a parte que cobre o olho?*

Para a pergunta em questão foram obtidas 81 respostas fornecidas pelos informantes em geral, distribuídas em seis formas/agrupamentos, conforme o quadro a seguir.

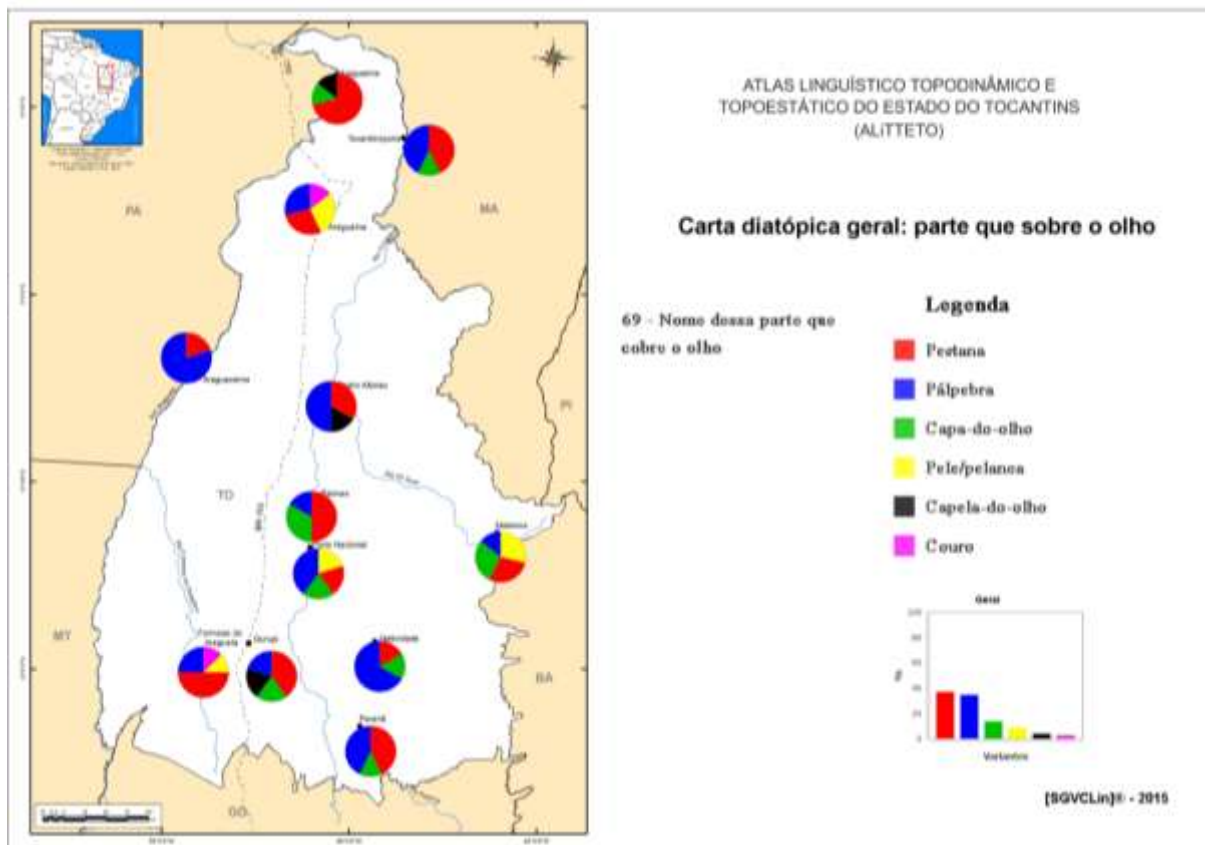
**Quadro 3** - Designação para nome dessa parte que cobre o olho, e respectivos números e percentuais de respostas.

<b>Variantes</b>	<b>N.º de ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
Pestana	30	37,4%
Pálpebra	28	34,57%
Capa do olho	11	13,58%
Pele/pelanca	7	8,64%
Capela-do-olho	3	3,70%
Couro	2	2,47%

Fonte: Base de dados do ALiTTETO

A variante *pestana* apresentou maior índice de resposta no espaço da pesquisa e sua disseminação ocorreu de forma efetiva por todo o território do estado, conforme se observa no cartograma a seguir. Também notamos maior uso da forma nas cidades ao norte do Tocantins, como Araguatins, por exemplo. A carta dialetal a seguir evidencia a distribuição diatópica dos dados:

**Figura 1:** Cartograma com a variação diatópica para a QSL 069



Fonte: Base de dados do ALITTETO.

O Novo Dicionário de Língua Portuguesa apresenta diversas explicações para o termo *pestana*: “Cada um dos pelos que bordam as pálpebras. Cílio, celha. Tira da uma peça de vestuário, em que se abrem botoeiras. Filete de reforço, que há nos instrumentos de cordas, junto das chavelhas.” (FIGUEIREDO, [s/d] p. 1537). Para Aulete (1986) e Houaiss (2002), no que se refere ao *caput* do questionamento, é compreendido como sinônimos de *cílios*. É importante ressaltar que, embora o termo *pestana* se refira a outro componente da estrutura dos olhos, durante o inquérito, o entrevistador indica a “pele que cobre o olho” e solicita uma resposta. A designação dada pelo entrevistado para essa parte específica é confirmada em nossos dados, o que pode indicar desconhecimento do termo correto para se referir a esse elemento, levando-o a usar outra denominação que lhe seja mais familiar.

De acordo com o Quadro, a segunda maior incidência (34,57%) das respostas foi para *pálpebra*, obtidas em 11 localidades do Tocantins, à exceção do município de Araguatins; as maiores ocorrências foram registradas nas cidades de Araguacema (noroeste) e de Natividade (sudeste). *Pálpebra* é lexicalizada por Nascentes (1955, p. 1463) como: “Membrana móvel, que

cobre externamente o olho, do latim *palpebra*”. Em Houaiss (2002), com rubrica anatômica, é definida como: “véu musculomembranoso que recobre parcialmente o olho na parte superior e na parte inferior, destinado a protegê-lo”

A *capa do olho* aparece em terceiro lugar nos dados coletados, perfazendo 13,88%. Tal como proferida, não se encontra lexicalizada, ou seja, não está dicionarizada, porém, a linguagem conotativa empregada de forma precisa corresponde à parte do corpo mencionada. Isso se deve ao fato de que a membrana em referência desempenha o papel de cobrir e proteger o olho. Diatopicamente, a forma concentra-se no centro-sul estadual, a partir da cidade de Palmas, embora também ocorra nas localidades mais ao norte, tais como Tocantinópolis e Araguatins.

As formas genéricas *pele/pelanca* correspondem a 8,64% dos dados; a *pele*, em sentido geral, indica “[...] f. Membrana espessa, que envolve e cobre exteriormente todas as partes do corpo humano, bem como do corpo dos animais vertebrados e de muitos animais sem vértebras (FIGUEIREDO, 1913). Quanto à remete a um tipo de pele mole, mais flácida, como dicionarizado em Houaiss (2002). As formas foram auferidas em três localidades, de forma esparsa, Mateiros, Porto Nacional e Araguaína.

A quarta registrada no Quadro foi *capela do olho* com apenas três citações, ocorridas em três localidades, sem aparente conexão entre elas: Araguatins, Pedro Afonso e Gurupi. Não está registrada nos dicionários como designativo para *pálpebra* e, segundo Cunha (2010), a *capela* denota “Pequena igreja. Santuário. Parte ou dependência de palácio, colégio etc. Cada uma das divisões de um templo, com um altar” Neste caso, aparece como um neologismo semântico, com intenção de renomear a parte do olho em questão, fornecendo as características e a função da ‘capela’, como a responsável por ‘guardar o olho’. Há ainda, neste entendimento, a interpretação do ‘o olho’ com um aspecto mítico, preciosos, que precisa ser guardado.

A última variante utilizada também perfaz nomeação genérica: *couro*, remetendo ao tecido epitelial espesso dos humanos e dos animais. Ocorreu em apenas duas localidades: Araguaína, ao norte, e a segunda em Formoso do Araguaia, ao Sul do estado, usada por dois informantes do sexo masculino.

#### 4.2: QSL 071. *Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*

Esta análise descreve as respostas obtidas para o questionamento de número 071 que objetiva coletar os nomes para o distúrbio dos olhos, que se voltam para direções opostas. Ao todo, foram reunidas 111 respostas divididas em oito formas/agrupamentos, conforme demonstrado no quadro a seguir.

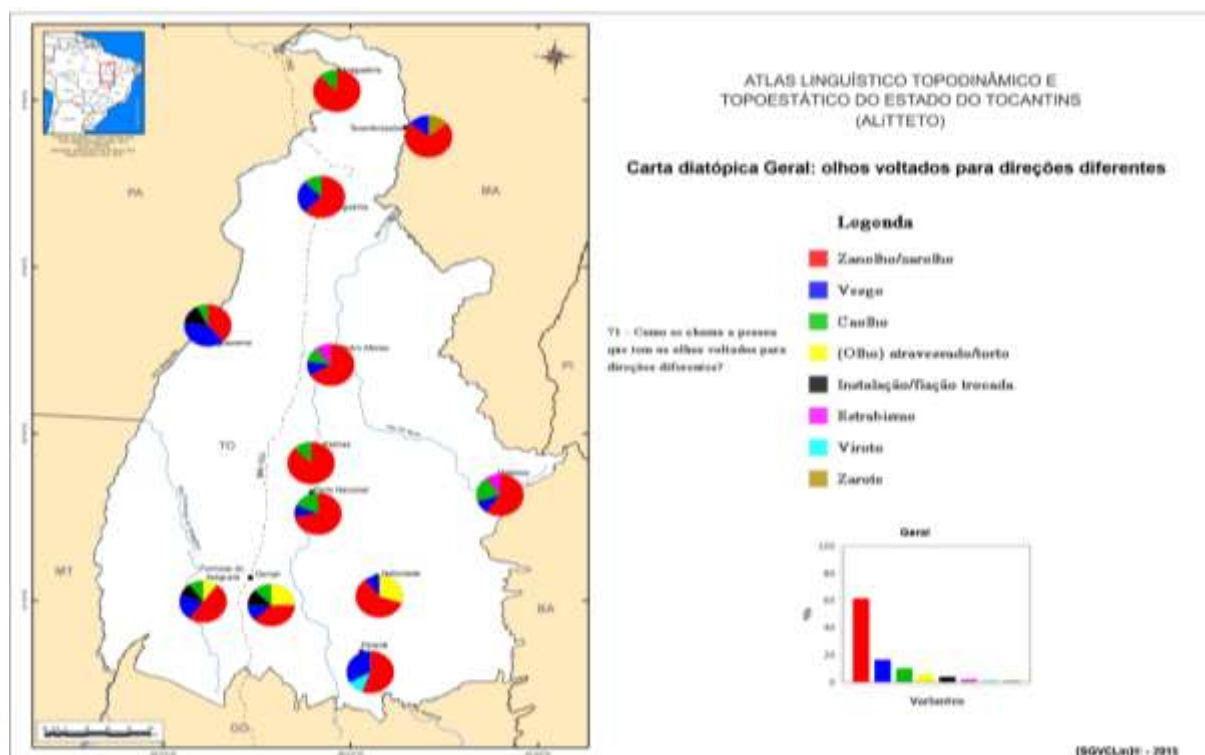
**Quadro 4** - Designação para olhos voltados para direções diferentes, e respectivos números e percentuais de respostas.

Variantes	N. de ocorrências	%
Zanolho/zarolho	68	61,26%
Vesgo	18	16,22%
Caolho	11	9,91%
(Olho) atravessado/torto	6	5,41%
Instalação/fiação trocada	4	3,60%
Estrabismo	2	1,80%
Viroto	1	0,90%
Zaroto	1	0,90%

Fonte: Base de dados do ALiTTETO.

*Zanolho/zarolho* obtiveram 61,26%, com distribuição diatópica abrangente em todo o estado, com maior ênfase em Palmas e em Araguatins. Quanto as duas formas, segundo Figueiredo (2010, p.532), *zanolho* vem da forma antiga de *zarolho*. A evolução fonética de "r" para "n" nas palavras "zarolho" e "zanolho" pode ter ocorrido por assimilação regressiva, onde o som "n" da sílaba anterior influenciou a pronúncia do "r", resultando na forma "zan-olho" ou "zar-olho". Houaiss indica uma possível origem controversa de zanolho: “para alguns, alteração de *zarolho*; para outros, cruzamento de *zanaga* + *olho*” (Houaiss, 2002).

**Figura 2-** Cartograma com a variação diatópica para a QSL 071



Fonte: Base de dados do ALITTETO.

Em seguida, temos *vesgo* foi a segunda variante mais utilizada no estado do Tocantins, (16,22%), com distribuição regular pelo espaço de pesquisa, não correndo apenas nas cidades de Palmas e Araguatins. Lexicalmente, segundo Nascentes (1983, 524), originou-se do latim “versícu, de versus, virado”; para Houaiss (2002): vocábulo expressivo; comparado com o espanhol *bisgo/bizco* 'id.'; forma histórica sXIV *uizcos*, sXV *uesgo*, 1569 *vesgo*.

Em terceiro lugar, temos *caolho*, representando 9,91% dos dados e distribuição regular pelas cidades de pesquisa, sem aparente formação de áreas dialetais ou isoléxicas. Sobre a dicionarização, Houaiss (2001) indica que, segundo Nascentes ou AGC, provável vocábulo híbrido, formado do quimbundo *ka* 'pequeno' e do português *olho*.

O agrupamento *(olho) atravessado/torto*, com seis citações, aparece somente em cidades do extremo sul do Tocantins, como Gurupi, Formoso do Araguaia e Natividade. Tal como proferidas, as formas não estão dicionarizadas, mas remetem ao próprio movimento do olho que caracteriza o estrabismo.

A forma *instalação/fiação trocada* corresponde a 3,60% dos dados e não foram dicionarizadas, ocorrendo, neste caso, como um neologismo semântico, atribuindo a significação de um tipo de olhar cruzado, trocado. As variantes foram coletadas em Araguacema, Formoso do Araguaia e Gurupi.

Já *estrabismo* foi citada por dois informantes (Mateiros e Pedro Afonso) e caracteriza formalmente a condição solicitada no encabeçamento da questão 071. Segundo Nascentes (1983, p.199), vem do grego *strabismós*, ação de envesgar. Adentrou o latim científico, dando origem à *strabismus*, segundo Houaiss (2001).

Por fim, *viroto* e *zanote* foram citados uma vez cada, respectivamente em Palmas e Paranã, ambos citados por informantes topodinâmicos masculinos, ou seja, não nascidos nas localidades de pesquisa. As formas não foram dicionarizadas, por isso o seu sentido é conotativo.

Em suma, algumas formas, como *zanolho/zarolho*, *vesgo* e *caolho*, três formas mais citadas, apresentam uma ampla aceitação e são reconhecidas lexicalmente para o referente em pauta, outras, como *(olho) atravessado/torto* e *instalação/fiação trocada*, refletem neologismos semânticos.

### **Considerações finais**

Em conclusão, os dados analisados neste trabalho apresentam polimorfismo, ou seja, apresenta muitos sentidos, partindo principalmente de expressões com sentido figurado e/ou conotativo, a partir de objetos que apresentam forma ou função similar a parte do corpo em questão, a exemplo de *pálpebra* e *pele/pelanca do olho*.

Analisando as distribuições diatópicas das formas oriundas a partir dos questionamentos, notamos que grande parte das variantes apresentadas são de informantes topodinâmicos, ou seja, dos falantes migrantes.

No que se referem as variáveis sociais, observamos que há variantes utilizadas apenas por informantes do sexo masculino, tais como *couro* e *viroto*. Já acerca da dimensão diageracional, concluímos que não houve diferenças significativas nesse grupo de informantes, embora haja variantes citadas apenas por falantes da faixa-etária I (18 a 30 anos), como por exemplo *zarote*, e outras citadas apenas por informantes da faixa-etária II (50 a 65 anos), como *instalação/fiação trocada* e *estrabismo*.



Considerando que os objetivos propostos foram alcançados, os resultados apontam a presença de variantes não dicionarizadas e intenso polimorfismo lexical. Portanto, o estudo ratifica a importância de associar aspectos sócio-históricos a dados linguísticos, contribuindo, desse modo, para a melhor compreensão e descrição do português brasileiro.

## Referências

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1986.

BÍBLIA, Bíblia Sagrada. João Ferreira de Almeida. 6ª edição. Santo André – SP: Geográfica Editora, 2021.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: perspectivas. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. especial, p. 233-255, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/27601/17187>. Acesso em: 13 nov. 2022.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4924>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CHAMBERS, Jack. K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DE ALMEIDA, João José RL. A luz como metáfora na teologia e na filosofia. *Ciência e Cultura*, v. 67, n. 3, p. 43-47, 2015.

FERREIRA Carlota; CARDOSO, S. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1984.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. E-book: [s.l], 1913. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*. L&PM Pocket, 2009.

MONTEIRO, José Lemos. Dialetologia e Diacronia. *Rev. das Letras*, Fortaleza, n. 14 (1/2), p. 183-209, jan/dez, 1989. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9443/1/1989\\_Art\\_JLMonteiro.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9443/1/1989_Art_JLMonteiro.pdf). Acesso em: 20 out. 2022.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NUNES, Juliany Fraide, ISQUERDO, Aparecida Negri. MARQUES, Elizabete Aparecida. Fraseologismos na área semântica do corpo humano a partir de dados geolinguísticos: o que revelam os dados do norte e do sul do Brasil. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n.60, p.51-70, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/27601/17187>. Acesso em: 13 out. 2022.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. *Papeis*, Campo Grande, v. 18, n. 35, p. 135-153, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017/2445>. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, Greize Alves da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000218332>. Acesso em: 12 set. 2022.

TOSSATO, Claudemir Roque. A função do olho humano na óptica do final do século XVI. *Scientiae Zudia*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 415-41, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/S4sMvKCkNw3QrQJkzdRFdvk/>. Acesso em: 23 mar. 2024.